

Literatura e música: umas e outras travessias

O presente volume da *Revista Outra Travessia* testemunha em seus oito artigos muito do que o tema central tem representado para os estudos literários: uma travessia de múltiplas bifurcações e desafios, que foge à simples elevação de letras de canções ao estatuto literário. Ao contrário, o tema da música para o âmbito das Letras não somente representa o desafio de inscrição de um outro campo de saber, com seus próprios percursos e travessias nem sempre alcançáveis por literatos, mas também as bifurcações onde os artefatos se encontram como pertencentes à cultura.

No caso da cultura brasileira, a excelência e a singularidade da música popular brasileira parecem ter sido a força motriz para que a atenção dos eruditos se voltasse para um campo até então excluído das reflexões acadêmicas. Neste sentido, é possível citar que no ano de 1968 se torna emblemática a publicação da obra *O Balanço da bossa e outras bossas*, pelo poeta concretista Augusto de Campos. Poeta de inegável formação erudita, que já incorporara com o concretismo a linguagem da publicidade, Campos se dedica com esta coletânea às especificidades da bossa-nova, do tropicalismo e da música nova. O livro representa a travessia definitiva: o popular e erudito nunca mais pertenceram a searas longínquas nas reflexões dos letrados e há quem diga que, em contexto brasileiro, esta fronteira jamais se estabeleceu. Como testemunho, é possível citar não somente as incursões de Silvio Romero pelo folclore, as pesquisas de Mario de Andrade em torno da tradição popular que culminaram nas missões de 1936, mas também a presença das referências à literatura nas obras dos compositores populares.

Mas o caminho que vai em direção à música popular é apenas uma das infinitas direções. Há um terreno fértil no pensamento dos literatos em torno da música erudita que não pode ser deixado de lado. O que se testemunha por obras como *O som e o sentido* (1989) em que José Miguel Wisnik opera com molduras mais amplas como modalismo, tonalismo e serialismo. Assim, será possível compreender como o mundo tonal que configurou nossa audição está relacionado à modernidade, ao tempo histórico e à narratividade, uma moldura dentro da qual transitam a ópera e a

canção e onde portanto literatura e música se encontram, bem como o erudito e o popular.

Em obra mais recente, *Literatura e música*, de 2002, Solange Ribeiro Oliveira delimita um campo interdisciplinar que articula literatura e música, a *melopoética*, proposta por Steven Paul Scher, dentro do qual é possível estudar a literatura na música, a música na literatura, bem como literatura e música simultaneamente.

A articulação entre literatura e música parece ser bem mais ampla do que se imagina a princípio e esta consciência deu origem à idéia da criação de um espaço físico e simbólico na UFSC que se dedicasse especificamente a este campo interdisciplinar. Assim, em 2004, se inicia uma outra travessia: a do Nepom, o Núcleo de Estudos Poético-Musicais do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, ligado tanto ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas quanto ao Curso de Pós-graduação em Literatura.

Em fevereiro de 2011, o núcleo completou sete anos, um período em que produziu pesquisas de iniciação científica sobre música popular de Santa Catarina e cantoras de rádio, teses e dissertações sobre temas tão diversos como ópera, Chiquinha Gonzaga, Arnaldo Antunes, Milton Nascimento, Mangue Beat, Caetano Veloso, rock brasileiro, tropicalismo, música independente e internet, boi de mamão. Neste período, o núcleo também editou cinco números da Revista de Estudos Poético-Musicais, a Repom (www.repom.ufsc.br) que facilmente se tornou referência pelo país e exterior pela própria ausência de publicações similares.

Quando o coordenador da pós-graduação em Literatura, Prof. Stélio Furlan, nos convidou para a organização do presente número da Revista Outra Travessia, sabíamos que se tratava de um percurso de múltiplos caminhos que tentamos contemplar na chamada para artigos através dos seguintes temas: a) relações entre música e palavra, b) história da música popular brasileira, c) canção e sociedade, d) música popular latino-americana, e) música enquanto campo de ações sociais.

O leitor poderá perceber que os artigos que compõem esta Travessia, em geral, contemplam mais de um dos tópicos propostos, nos quais os temas se encontram e se provocam na busca de desdobramentos e constantes indagações.

A música popular brasileira e sua história se fazem presentes nos três primeiros artigos. Em *Perto de casa, longe da avenida: representação poética das escolas nos sambas de meio-de-ano*, a pesquisadora Claudia Matos se dedica a uma abordagem dos motivos discursivos em torno da auto-imagem das escolas e comunidades, para além da imagem propagada na avenida e nos meios de comunicação. Em *O manguebeat e a superação do fosso entre o nacional e o jovem na música popular*, Idelber Avelar se dedica a demonstrar como o movimento manguebeat a partir da articulação entre gêneros brasileiros populares como ciranda, maracatu, coco e gêneros estrangeiros como *heavy metal* e *hip hop* acaba por significar a superação da distância entre o jovem e a música nacional. A história da música popular local, tão pouco abordada e conhecida, é contemplada com o artigo *A música em Desterro/Florianópolis: da colônia aos tempos do rádio* em que Julio Córdoba Pires Ferreira, em interessante

exercício historiográfico, demonstra como a cidade de Florianópolis esteve em sintonia com os fenômenos musicais ocorridos em outras partes do país.

Os dois próximos artigos oferecem ao leitor instigantes cruzamentos entre a música popular latino-americana e a questão da diáspora africana. Em *Artes musicais na diáspora africana: improvisação, chamada-e-resposta e tempo espiralar*, Luis Ferreira localiza no contexto brasileiro reflexões acerca das práticas musicais da diáspora africana, seus sentidos e as pesquisas sobre música negra. Já no artigo *De payadas e milongas: os saberes da voz*, Susan Aparecida de Oliveira, junto à pesquisadora de iniciação científica Carla Cristiane Mello, se dedica à história da milonga como gênero proveniente do Rio da Prata, na fronteira entre Argentina e Uruguai, partindo do princípio de que não é possível falar de música popular na América Latina sem falar da contribuição negra.

Voz, música e palavra se encontram nos três últimos artigos desta *Outra Travessia*. Em *Amor Antigo*, Silvia Adriana Davini revisita obras de Baudelaire, Ravel, Renard, Louis e Debussy para abordar entrecruzamentos em que o tema do desejo se expressa através da voz e da palavra. O tema da voz ressurgue em articulação com a música popular brasileira no artigo de Pedro de Souza, intitulado *Sonoridades vocais: narrar a voz no campo da canção popular* que se dedica a buscar elementos para uma história da voz enquanto conceito subsidiário do processo de construção da subjetividade. No último artigo, *A voz como provocação aos estudos literários*, Tereza Virginia de Almeida procura demonstrar, através de um levantamento de estudos sobre canção e vocalidade, como a inscrição da voz no campo dos estudos literários acaba por devolver a este indagações acerca de muitas de suas crenças.

É certo que aprendemos muito com essas e outras pesquisas, com todas as possíveis travessias, mas há algo que o estudo sobre literatura e música nos ensina de forma veemente: que aquilo mesmo sobre o que se escreve não pode ser, de fato, contemplado pelo texto ou por qualquer escrita. Assim, esta revista é não apenas um convite à reflexão, mas um convite à outra travessia, a da escuta, a deixar-se penetrar pelas vozes, pelos sons, em nome mesmo do que só a experiência sensorial pode devolver à percepção e à reflexão tantas vezes ensurdecida pelos próprios atalhos do pensamento.

Tereza Virginia de Almeida, Susan A. de Oliveira e Lucia de Oliveira Almeida